

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DURANTE A PANDEMIA COVID-19 E O ENSINO HÍBRIDO – ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Marcella Claudia Barbosa da Silva ¹

RESUMO

Esse estudo tem como objetivo analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante o período da pandemia COVID-19 e o ensino híbrido e quais as estratégias utilizadas por eles para a aprendizagem dos alunos e a impossibilidade das aulas presenciais passando para aulas híbridas. Demonstrando que há diversas possibilidades teóricas, metodológicas e práticas que auxiliam no ensino híbrido voltado ao público que está fora da faixa etária escolar. Com o auxílio teórico da Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394), Freire (1985) e Pires (2015). Tratando de uma pesquisa do tipo “Estudo de caso”, com abordagem qualitativa aplicada remotamente por meio de formulário Google com treze professores que atuam com Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Aprendizagem, Ensino Híbrido, Pandemia COVID-19.

INTRODUÇÃO

O sistema educacional passa por vários momentos ao longo da história e nesse espaço, entre cursos e modalidades, a EJA (Educação de Jovens e Adultos) aparece como uma ferramenta de resgate dos excluídos do sistema educacional. É nessa modalidade, que se configura de diferente da escola regular, que se buscou saber quais as razões das dificuldades de aprendizagem.

Sem contar que:

a importância da escola e do trabalho coletivo/colaborativo como instâncias de desenvolvimento profissional, uma vez que estas proporcionam aos professores condições de formação permanente, troca de experiências, busca de inovações e de soluções para os problemas que emergem do cotidiano escolar. (NACARATO, 2006, p. 176).

¹ Mestranda em Ciências da Educação Universidade Del Sol. UNADES – CIA
prof.marcella@hotmail.com;

A sociedade atual está cercada dos mais diferentes recursos tecnológicos, avançando de forma nunca vista antes. Com o ensino híbrido, vem uma técnica metodológica para contribuir na melhora da prática pedagógica, tentando demonstrar aos alunos que essa técnica, os ajudará a implementar uma forma de educação e de aprendizagem. Reafirmando que o centro do processo de ensino e aprendizagem está no aluno, pois “O ensino híbrido utiliza a tecnologia abrindo novos horizontes na educação, transformando e buscando melhor o processo de ensino-aprendizagem” (CAMILLO, 2017, p. 65).

Neste ponto de vista, é necessário que os professores consigam promover uma prática com seus alunos de acordo com a realidade que estamos vivendo.

METODOLOGIA

Diante da dificuldade dos estudantes e professores enfrentada durante a pandemia COVID-19, onde muitos ficaram um tanto quanto atordoados com a nova situação vivida por todos e como isso iria influenciar na vida escolar de cada um, principalmente na modalidade da EJA.

Com essa observação, foi feita uma pesquisa entre os meses de setembro e outubro de 2021, com o retorno aos poucos a normalidade e com isso a inclusão de uma grande forma do Ensino Híbrido. Com natureza de estudo, contemplará procedimentos metodológicos qualitativos apoiados na pesquisa do tipo “Estudo de Caso”.

A investigação neste momento apresentada caracteriza-se pela aplicação de questionário no formato *Google Forms* com 13 participantes voluntários de cidades do Estado de Pernambuco como: Região metropolitana do Recife (Compreendendo a capital do Estado, Camaragibe, São Lourenço da Mata, Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Paulista...) e Zona da mata, considerando que todos trabalham com alunos da Educação de Jovens e Adultos, sendo das mais variadas licenciaturas (língua portuguesa, matemática, história, geografia, química, física, biologia e educação física), com transcrição dos dados, análise dos dados e por fim a redação deste artigo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Educação de Jovens e Adultos

Os primeiros vestígios da educação de adultos no Brasil não são recentes como se costuma pensar, pois já pode ser notado durante o processo de colonização, após a chegada dos padres jesuítas, em 1549 com o objetivo instrumentalizar a população, ensinando-a a ler e a escrever. Essa concepção foi adotada para que os colonos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte.

Em 1945, é aprovado o decreto nº 19.513, de 25 de agosto de 1945 que regulamentava a concessão de recursos do “*Fundo para o ensino primário, no item 2 de seu art. 4 estabeleceu que a importância correspondente a 25% de cada auxílio federal concedido aos estados seria aplicada na educação primária de adolescentes e adultos analfabetos, observados os termos de um plano geral de ensino supletivo*” (BEISIEGEL, 1997, p. 32). Com isso, a Educação de Adultos torna-se oficial.

Porém, durante o regime militar (1964-1985), estes movimentos e seus integrantes foram perseguidos e reprimidos pelos órgãos do Governo Federal que, em 1967, autorizou a criação do MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização (a partir de 1985, passa a se chamar Fundação Educar), tendo como principal objetivo: erradicar totalmente o analfabetismo, mas, principalmente, preparar mão-de-obra necessária aos seus fins aos interesses capitalistas do Estado. Somente com a nova LDB nº 9394/96, art. 37 e art. 98 é que se passa a contemplar as várias modalidades de educação de jovens e adultos e uma melhor adequação as novas exigências sociais.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular (BRASIL, 1996).

No âmbito das dificuldades já é bem conhecido os sacrifícios e muita vontade para seguir em frente no ensino regular que possui uma ampla estrutura, na EJA isso seguramente aumenta e pode ser trazido do seguinte modo por Rodrigues (*apud* ANDRADE, 2008, p.6):

Já que ensinar na EJA é mais que um desafio, pois o currículo e a estrutura do ensino não oferecem amparo a essa modalidade. Assim, sem bases sólidas de conhecimento sobre o perfil desse aluno e as teorias que fundamentam esse ensino, o educador enfrenta uma cruel realidade educacional.

Além de um desafio, a alfabetização de Jovens e Adultos passa inicialmente pelo processo de conscientização do alfabetizador e alfabetizando de sua ação educativa como prática de ação libertadora de vida, pois:

“A conscientização está (...) ligada à utopia, implica utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos.” ... “Não se pode chegar à conscientização crítica apenas pelo esforço intelectual, mas também pela práxis: pela autêntica união da ação e da reflexão.” (FREIRE, 1985, p.28 e 92.)

E também como cita Freire (1987), que argumenta que “o ponto de vista de uma educação libertadora é que os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutam o seu pensar e tenham sua própria visão de mundo”.

Ensino híbrido

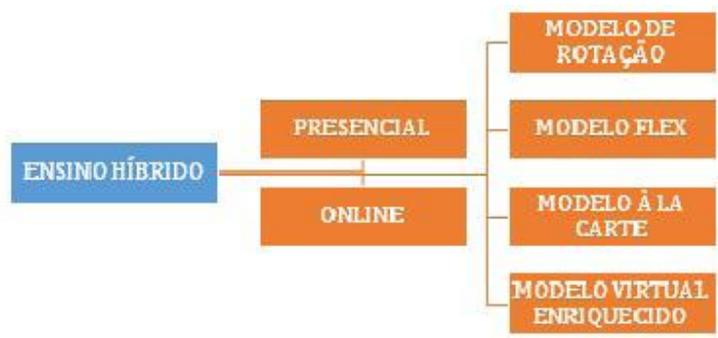
Surgindo nos Estados Unidos e na Europa como uma medida em resolver a dificuldade dos estudantes em comparecer presencialmente. É a utilização métodos do ensino presencial, atrelados aos métodos de ensino online, no aprimoramento cotidiano/rotineiro, do processo ensino e aprendizagem.

Esta metodologia provoca, desafia o aluno a todo o momento, originando a curiosidade do aluno como principal fonte de motivação. Buscando conhecimentos, o aluno participa ativamente na construção do seu conhecimento, que normalmente é debatido e discutido com os demais, tanto em classe, como no ambiente virtual.

O termo “ensino híbrido” vem sendo amplamente divulgado após a pandemia da COVID-19 que atingiu todo o mundo. O que parecia ser novidade, com o tempo de estudo pode perceber que não há nada de novo. A educação híbrida demonstra que “ensinar é a atividade pela qual o professor, através de métodos adequados, orienta a aprendizagem dos alunos” (HAYDT, 2011, p.2). Ou seja, é o ensino (atividade do professor) que demanda a existência de método e de meios para provocar a instrução dos alunos. Com efeito:

A instrução se refere à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognoscitivas mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistematizados. O ensino corresponde a ações, meios e condições para realização da instrução; contém, pois, a instrução (LIBANEO, 2009, p.22).

“Híbrido significa misturado, mesclado, blended” (MORAN, 2015, p. 27). É tudo que permite a combinação de diferentes ambientes, tempos, soluções e pessoas. São pilares do ensino híbrido: “personalizar, individualizar e diferenciar” (PIRES, 2015, p. 82). Existem diversos conceitos de Ensino Híbrido segundo Bacich, Neto e Trevisani (2015):



Fonte: adaptação dos autores baseado no modelo de Bacich, Neto e Trevisani (2015, p. 54).

Para tanto, o ensino híbrido deve ser inclusivo, os professores devem ter uma embasamento sólido para aplicar de forma adequada alguma das técnicas, que será cada vez mais aplicada nas salas de aula.

Aprendizagem

Falando em aprendizagem, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, buscamos sempre contextualizar e romantizar suas dificuldades, devemos sempre contextualizar de forma crítica as contradições da sociedade. Para isso, devemos compreender que:

"Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão... Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua convivência com o regime opressor. Esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação..." (FREIRE, 1987, p.52).

Contudo, sabemos que não existe um método pronto para ensinar, mas o professor deve ter sua estratégia para que o aluno tenha uma aprendizagem satisfatória e promova o desejo de transformação do ambiente em que vive. Como demonstra Brasil (2002, p. 203):

O processo de aprendizagem deve desenvolver e fortalecer a autonomia de cada aluno para recriar o que foi aprendido, capacitando-se no campo das relações humanas, sociais, políticas, econômicas, culturais, no direito ao trabalho, à terra, à educação, etc.

Levando em consideração o que Ciasca (1991), Pilleti (1999), Weiss e Cruz (1999) afirmam, a aprendizagem é uma mudança progressiva do comportamento ligada por sucessivas apresentações de uma situação e empenho do indivíduo para enfrentá-la tendo três elementos fundamentais no processo de aprendizagem: a situação estimuladora, a pessoa que aprende e a resposta.

Devemos levar em consideração que a aprendizagem para os alunos que estudam na EJA, expressa não apenas a esperança o uso do conhecimento que já possuem, mas também o aprendizado de outros conhecimentos e cenários construídos concomitantemente pela relação professor x aluno dentro de um contexto educacional de múltiplas aprendizagens.

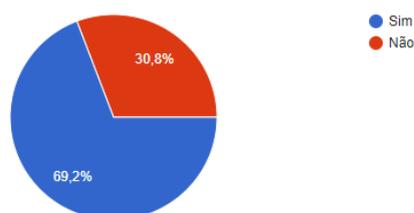
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com formulário finalizado, obtive resposta de 13 professores das mais variadas licenciaturas que lecionam na Educação de Jovens e Adultos. O questionário contendo dezoito questões distribuídas em três blocos, o primeiro sobre a formação do professor, o segundo sobre o dia a dia com os alunos da EJA e o último sobre os alunos da EJA.

Quando perguntado se em sua formação teve oportunidade de estudar disciplinas ligadas diretamente a Educação de Jovens e Adultos 69,2% responderam afirmativamente.

Em sua formação inicial, você estudou alguma disciplina ligada a Educação de Jovens e Adultos?

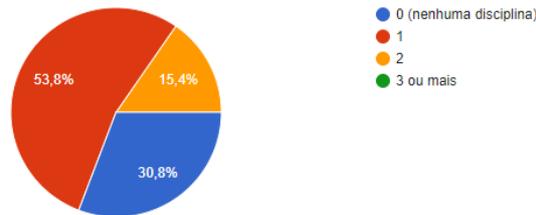
13 respostas



Contemplando um total de 30,8% (quatro professores) não chegaram a estudar nenhuma disciplina ligada à EJA, 53,8% estudou apenas uma disciplina e 15,4% duas disciplinas durante sua formação.

Em caso afirmativo, foram quantas disciplinas?

13 respostas

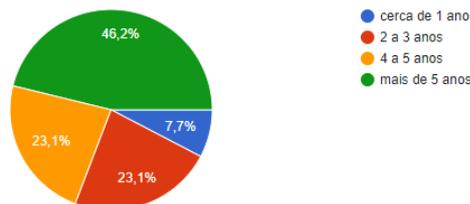


Quando indagado sobre se essas disciplinas foram o suficiente para ajudar em sua vivência com a EJA ou teve que buscar mais formações. Obtive diversas opiniões, entre elas: *“Foi preciso buscar outras formações”, “Não. Gostaria de ter estudado mais. A área é muito interessante”, “Buscar melhorias sempre”, “Foram ótimas. Mas, tive que procurar aperfeiçoamento para lhe dar com o dia dia da sala de aula”, “Busca outras formações para melhorar minha vivência em sala de aula”*

Já no segundo bloco, seu dia a dia com os alunos da EJA, todos os professores ensinam em escolas localizadas em zona urbana. Onde 46,2% trabalham com esse público a mais de cinco anos.

Há quanto tempo você trabalha com Educação de Jovens e Adultos?

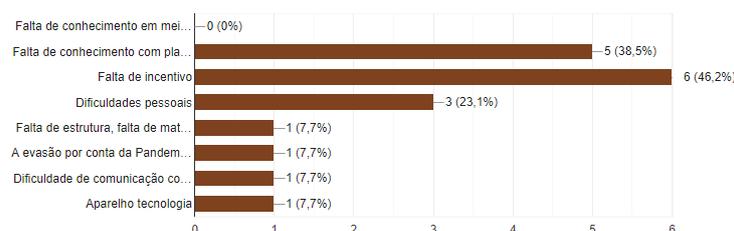
13 respostas



Falando sobre a maior dificuldade enfrentada nesse período de pandemia, a maioria dos professores acredita que a falta de incentivo, seguido com a falta de conhecimento das plataformas de ensino híbrido.

Qual sua maior dificuldade enfrentada nesse período de pandemia?

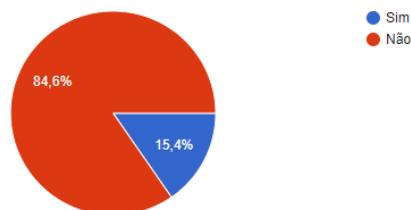
13 respostas



84,6% afirmaram que sua vivência em sala de aula mudou, dentre os motivos dessa mudança nesse período de pandemia, relataram: *“Alunos ainda mais desmotivados pelas dificuldades impostas na ocorrência da pandemia”, “Melhora nos meios pedagógicos”, “Remotamente, a prática de ensino não é a mesma coisa. Fica difícil separar o profissional do pessoal”, “Toda prática Pedagógica teve que ser repensada”, “Didática, contingente discente, limitações técnicas dos discentes”, “As estratégias de ensino, os recursos e a prática do ensino híbrido.”, “Aumentaram as atribuições, com a inclusão do ensino a distância. Um sufoco”, “Tive que buscar meios mais ativos para trazer a atenção do meu aluno.”, “Não tínhamos contato presencial e isso dificulta ainda mais o ensino-aprendizagem.”*

Durante a pandemia COVID-19, sua vivência em sala de aula continuou a mesma?

13 respostas

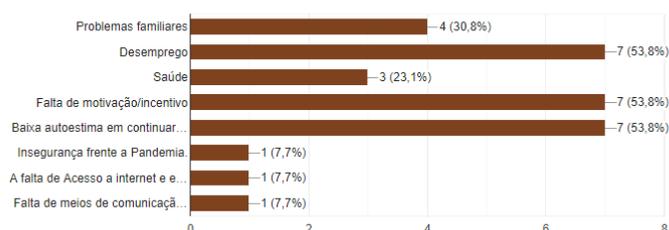


Já quando perguntados sobre acreditar que a pandemia COVID-19, transformou a forma de como sua prática pedagógica em sala de aula daqui para frente? 46,2% concordaram totalmente com essa afirmativa e 53,8% concordaram parcialmente.

No terceiro bloco, sobre os alunos, 92,3% afirmaram que houve abandono escolar por parte dos alunos. E entre os motivos os mais citados com 53,8% foram desemprego, falta de motivação/incentivo e baixa autoestima em continuar os estudos.

Você acredita qual a maior causa de abandono escolar nesse período?

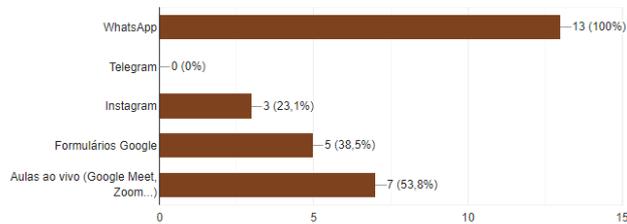
13 respostas



Em sua rotina de ensino híbrido, afirmaram que a melhor forma de manter contato com os estudantes da EJA foi por meio do *WhatsApp*.

Qual a forma que mais conseguiu contato com os alunos nesse período? (Pode marcar mais de uma alternativa)

13 respostas



A melhor forma de incentivar esses alunos no retorno escolar, a empatia e busca ativa entre eles está presente em suas respostas, como: *“Criar mecanismos que estimulem a volta dos estudantes.”*, *“Mostrando sempre que nós precisamos um do outro.”* *Mostrar a importância que a volta ao presencial terá.* *“Mostrar a eles que os protocolos de Saúde, estão sendo cumpridos.”*, *“Incentivando-os com recursos didáticos e novas estratégias.”*, *“Mostrar os benefícios das duas modalidades de ensino”*, *“Fazendo ligação direta pra cada estudante ou família de cada um, incentivando a volta individual de cada um”*, *“Mostrando a importância de sua participação, para melhoria de seu futuro”*, *“Mostrando a importância de terminar os estudos e se profissionalizar para ingressar no mercado de trabalho”*.

Por último, qual a estratégia utilizada no seu ensino que melhor favoreceu a aprendizagem dos estudantes da EJA nesse período? A escuta e o diálogo estão presentes na maioria dos relatos. *“Apoio psicológico, sem muita cobrança, a escuta foi a melhor estratégia”*, *“Ouvi-los”*, *“Trabalhar os conteúdos com calma, segundo o tempo dos estudantes”*, *“Disponibilizando vários meios de contatos”*, *“Enviando vídeos produzidos por mim, explicando os conteúdos e resolvendo exercícios”*, *“Sempre ter em mãos os materiais utilizados no online para o aluno do presencial (visse e versa), de forma que as aulas se tornem uniformes entres o presencial e o online...”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades enfrentadas pelos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos não ficaram diferentes das demais, inclusive foram acrescentadas outras dificuldades diante da pandemia COVID-19. Mas como os professores colocaram o

diálogo, o contato frequente, a busca ativa foi fundamental para que os alunos continuassem e finalizassem seus estudos.

O ensino híbrido não era algo que estava totalmente habituado, isso gerou uma grande dificuldade inicial, mas que com o passar do tempo foram se ajudando e tentando se ajustar ao modelo de ensino necessário para a situação.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores 13 professores que responderam de forma voluntária dessa pesquisa e compartilharam o *link* do formulário para que outros respondessem também.

REFERÊNCIAS

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Considerações sobre a política da União para a educação de jovens e adultos analfabetos**. XIX Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1996. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE04/RBDE04_04_CELSO_DE_RUI_BEI_SIEGEL.pdf> Acesso em: 14 mar. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Proposta curricular de geografia para Educação de Jovens e Adultos** (segundo segmento). Vol.02. 2002.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em: 20 out. 2008.

CAMILLO, C. M. Blended Learning: uma proposta para o Ensino Híbrido. **Revista: EaD & Tecnologias Digitais na Educação**, v. 5, n. 7, Dourados, MS, 2017

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 14. ed. São Paulo: Paz e terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2011.

LIBANEO, J. C. **Didática**, 1ª.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

MORAN, J. Educação Híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In: BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 27-45.

NACARATO, A. M. A escola como locus de formação e de aprendizagem: possibilidades e riscos da colaboração. In: FIORENTINI, D.; NACARATO, A. M. (Org.) Cultura, formação e desenvolvimento profissional de professores que ensinam matemática: investigando e teorizando a partir de prática. São Paulo: Musa Editora, 2005. p. 176.

PIRES, C. F. F. O estudante e o ensino híbrido. In: BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 74 -79.

RODRIGUES, Leia Andrade. ANDRADE, Kalina Alessandra R. de Paiva. **Jovens e adultos: um novo olhar para a formação inicial e continuada**. CD – V Seminário Regional de Política e Administração da Educação do Nordeste e VI Encontro Estadual de Política e Administração da Educação/RN, 2008.